

CARTA DE NONÔ

Maria Silvia Cadaval Pessoa



Caros irmãos,

Quando cheguei ao aeroporto do Paraíso, vocês nem imaginam o que me esperava. Cristóvão, que me acompanhou por toda a viagem desde o hospital de Ipatinga, entregou-me as chaves de um carrão novinho, verde escuro, com metais reluzentes e farol de milha. Se aqui tivesse poeira, uma zinha que fosse, sábado que vem eu já teria programa garantido: lavar o carro e deixá-lo brilhante. Mas, nada. Quem sabe aquela fumaça da Usiminas colabora para sujar o carango? Acho que não, a distância é muito grande e qualquer fuligem ficaria retida na atmosfera.

Ainda não disse tudo. Além do carro, com tanque cheio, ganhei um terno de linho branco, camisa impecável de tricoline e, o que é melhor, um sapato preto que, de tão brilhante, reflete a minha cara.

É p'ra hoje!

Pouco antes de chegar tive a nítida sensação de que já conhecia esse lugar. Custei um pouco a lembrar de quando foi, pois a passagem foi breve, brevíssima. Vocês se recordam do meu desastre na motocicleta? Pois bem, naquela época, Pedro chegou a me chamar e, não tenham dúvida, o fez com insistência. Eu, de coma durante um mês, estendido numa cama do Hospital nem me dei conta do esforço que Papai estava fazendo para me segurar. O velho, que se dizia ateu e não gostava de pedir favores, rezou até para o São Jorge da igreja dos turcos e, de tanta convicção, conseguiu me reter ai por muitos

anos. Bom, tenho que reconhecer que as orações de Mamãe para o Menino Jesus, aquele do quarto dela, também colaboraram muito. No final das contas, acho que foi melhor assim. Se não, eu não teria conhecido Edith, nada de Ana Cristina, Patrícia e Carla e ainda estaria naquela vida despreocupada de solteiro, de namoro em namoro, como um *dandi* qualquer. Mas, cá p'ra nós, eu gostei daqueles tempos.

Tecnicamente, o que me salvou foi uma cirurgia na cabeça para tirar um coágulo. Até hoje me arrepio só de pensar que raspavam minha cabeça e cortaram uma janelinha no osso, bem quadrada, perto da orelha, para tirar o excesso. Não senti nada por causa da anestesia, mas durante muito tempo, quando me olhava no espelho, via aquela emenda que parecia colada, não com aquela goma arábica que a gente fazia em casa, mas com cola-tudo mesmo. E a tristeza de me ver sem a cabeleira de antes, cuidadosamente tratada com Glostora?

Acho que foi sem querer, mas quando cutucaram meus miolos, acabaram tirando a minha fala. Tive que aprender tudo de novo, palavra por palavra, frase por frase. Vocês se lembram? Eu ria muito com os erros. As palavras não vinham, como num menino de ano e meio.

Nesse lero-lero de operação, acabei me esquecendo de contar o que aconteceu na chegada ao aeroporto. Na recepção havia um formulário a ser preenchido e, dependendo das respostas, eu seria encaminhado para um ou outro caminho. A primeira pergunta era a seguinte: - como foi sua vida? Ora, que pergunta mais idiota! Eu ficaria horas para responder. Aí me veio a solução: responder com uma outra pergunta: - quê vida? A de antes ou a de depois do acidente? Porque tudo mudou muito.

Um abraço de Nonô.